

## Guerra biológica mito e realidade

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

Me lembro bem quando nos idos dos anos 80 a toda hora me chegavam ao consultório pacientes em desespero dizendo que achavam que estavam com AIDS. O aparecimento de qualquer diarreia imediatamente se transformava em sinal da terrível doença incurável. Qualquer mancha ou pereba na pele, de picada de inseto a simples arranhadura virava *Sarcoma de Karposi*, sinal incontestável da *Síndrome da imunodeficiência adquirida*. Foram inúmeros casos de pacientes que padeceram da doença sem nunca ter tido, casos registados, inclusive, de suicídio. A AIDS, dama do apocalipse, passava assim a matar de dois modos: quando não pelo curso de uma enfermidade de letalidade inexorável na época, por uma espécie de drama psicológico, camisa de força que roubava qualquer possibilidade de prazer.

Faço essa retrospectiva pois o tempo tem como uma de suas características, apagar muitas vezes a lembrança de determinadas situações que muito ajudariam a entender o rumo de acontecimentos atuais que, em muito parecem novas versões do mesmo drama. O horror de estar com a AIDS foi avassalador, nós é que não lembramos mais.

Temos agora na pauta do dia a guerra biológica. De fato o uso de armas bacteriológicas em conflitos não é novidade. Já foram inclusive usadas e de modo cruel. Aqui mesmo, pertinho de nós, O nosso “herói” que respondia pela alcunha de Duque de Caxias se valeu do Vibrião Colérico para ajudar a dizimar paraguaios. Mais na atualidade os episódios do uso de microrganismos como arma são sobejamente conhecidos. Se não deram tanto ibope nem aterrorizaram tanto como agora, talvez seja por não terem merecido, na época, a cobertura jornalística tão preciosa como a feita pelas CNN da vida, ou seja, não foram matéria da mídia massiva e abusiva, que transformam emoção em comoção, tragédia local em holocausto universal. Sistema midiático capaz de cronificar a dor de um agudo atentado e gerar um pavor ainda maior e incomensurável. A famosa e famigerada síndrome do pânico, por exemplo, nada mais é que o simples resultado da cultura do medo. Construção “científica” oficial que interessa sobretudo a indústria gulosa dos psicofármacos.

E por que os agentes biológicos como artefato bélico não mereceram a atenção tão apurada dos veículos de informação? Talvez porque os sítios

atingidos não eram do establishment. e sim os quintais de onde nasceriam muitos dos futuros terroristas. Establishment (que inclui o terror oficial ou de estado) versus terrorismo não oficial, tornaram-se nessa ausência absoluta de uma ética pela vida, faces carcomidas da mesma moeda.

Qual é o pó então meu irmão?

A guerra biológica que pode ganhar proporções epidêmicas e que já nos ameaça não é a que vem no “pó branco”, residência escolhida para abrigar os esporos do bacilo do antraz (nosso velho conhecido carbúnculo que, por exemplo, nenhum cabra macho do nordeste teme como esses frouxos americanos), ou antrax para os estadunidenses, mas a psicológica que começou a nos inocular e que vem sendo veiculada, não pelo correio, mas principalmente pelos aparelhos de televisão, onde os casos de pessoas que contraíram a doença já passam de centenas. Já estamos começando a atender casos de “antrax” psicológicos.

Em seus estudos Freud teorizou o conceito de representação psíquica, onde separava o que chamava *representação da coisa* de *representação da palavra*. A *representação da coisa* remete a materialidade do objeto, enquanto a *representação da palavra* se refere ao registro que o objeto deixa ao passar pela nossa subjetividade. Se refere a idéia, ao conceito, ao sentimento que temos de uma coisa. Portanto, aqui, a representação da coisa (guerra biológica) é no momento indiscutivelmente menos preocupante que a representação da palavra ( a idéia que estamos formando sobre a guerra biológica).

É evidente que a realidade das guerras químicas, biológicas e de todo tipo de imundície que pode o homem elaborar são infelizmente possíveis, no entanto, o que não faz o menor sentido de realidade, é termos que engolir, ou melhor, aspirar essa guerra psicológica de proporções devastadoras, que poderia ser evitada sem uso de máscaras ou de antibióticos profiláticos.

HOUVE ÉPOCA QUE A CENSURA SOBRE OS MEIOS DE INFORMAÇÃO FOI DE UM MAL IMENSURÁVEL, HOJE A FALTA ABSOLUTA DE CENSURA PARECE UMA MAL IGUAL. O lixo televisivo com suas bactérias, mísseis, explosões e violência cotidiana tem causado danos incomensuráveis a corações e mentes.

Que fazer se esse lixo é também parte do inevitável substrato de nossa modernidade que vive sua decadência, seus estertores finais? Enquanto torcemos para que essa modernidade tenha fim – que seja breve – e que outros humanos valores se apresentem o jeito é desligar o televisor, quem conseguir é claro, pois não é tarefa fácil. Ou seja, aqueles que ainda não estiverem gravemente inoculados. Nesse caso não é

desaconselhado se automedicar, podem desligar sem perigo seus televisores. Caso não desapareçam os sintomas, aí sim procurem o médico, idealmente não infectado.

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).